



Editorial

Mais um *Dobradiça*, o qual apresentamos com o mesmo entusiasmo que encontramos em nossos autores colaboradores. Neste momento em que devemos responder às ofensivas científicas, Catherine Lacaze-Paule, recorrendo a uma fábula de La Fontaine, nos faz ver que a produção de saber promovida pelo discurso da ciência, com a inflexibilidade de seus códigos e protocolos, elimina deste saber as marcas do desejo daquele que o produz, tendo-se como resultado um saber sem causa. O dispositivo do cartel, ao contrário, responde plenamente à exigência de se considerar as variações singulares da produção de saber quando se considera cada sujeito nela envolvido. O próprio termo "dobradiça" remeteu-lhe - como ela nos disse - àquilo que pode "dobrar-se" frente às múltiplas condições do simbólico, tal como o junco no momento da tempestade.

Seguindo o propósito de localizar e indicar textos de orientação, apresentamos a leitura pontual de Elza M. Lisboa de Freitas sobre a intervenção de Lacan nas Jornadas da Escola Freudiana de Paris realizada em 1975, uma jornada de estudo sobre os cartéis.

As demais rubricas expõem o trabalho efetivo dos cartéis na EBP: os textos de Cesar Skaf e Ana Márcia F. T. de Carvalho nos permitem acompanhar a elaboração de cada cartelizante e seus trabalhos, apresentados nas Jornadas de Cartéis da EBP-Delegação Paraná, realizada em dezembro de 2011. O texto de Cassandra Dias propõe importantes reflexões, a partir da experiência da EBP-Delegação Paraíba, acerca da constituição dos cartéis na Escola, uma vez, como nos diz a autora, trata-se da "montagem de uma relação com o saber através de uma lógica que é o avesso do discurso da ciência e do capitalismo".

Que possamos seguir com outros números de *Dobradiça* que se dobra e se faz com o produto próprio de cada um.

Márcia Zucchi
Heloisa Prado Telles
Comissão dos Cartéis da EBP

Giro do Cartel na AMP

Nesta rubrica dedicada a questões acerca da atualidade da experiência de cartéis nas Escolas da AMP, apresentamos a resposta enviada por Catherine Lacaze-Paule, Secretária de Cartéis da Escola da Causa Freudiana (ECF), França, à seguinte questão: *Quais seriam os pontos críticos da atividade de cartéis na sua Escola, hoje?*

Da guerra dos saberes ao gosto pelo saber inconsciente

Catherine Lacaze-Paule

Nossa época está atravessada por uma guerra dos saberes, é a aposta da civilização. O

discurso universitário promove significantes mestres, (autismo, genética, comportamento etc). São significantes que reduzem a questão da causa. Ao mesmo tempo, o discurso do mestre, que se tornou o discurso capitalista, forclui o sujeito. "Diz" é preciso que "isso" funcione e que "isso" produza, "dobrem-se" aos protocolos, sejam sujeitos com corpos educados e votados ao trabalho. O ponto crítico, no momento em que assumo minhas funções de secretária dos cartéis da Escola da Causa Freudiana é: será que teremos sucesso, e de que modo, em fazer dos cartéis um instrumento para uma produção de saber sobre o inconsciente que seja operacional no espaço público?

O cartel é um pequeno dispositivo leve, quatro pessoas e um mais-um. Ele é original, o mais-um faz dele um grupo sem mestre mas no qual cada membro é particularizado por sua questão. É eficaz, pois visa uma produção de saber própria a cada um. Nisso, é um convite a que se coloque aí algo de seu, uma ocasião para aprender a ler e dar a conhecer, em outro lugar, sua produção de saber. Trata-se portanto de favorecer um enlace entre o cartel leitura, cartel produção endereçado mas também esperado pela Escola e o cartel operacional que faz desse saber um produto vivo, vivificante, eficaz e eficiente. Nosso ponto crítico é o de chegar a que o advento do saber próprio a cada um produza um acontecimento de saber que encorage um gosto pelo saber inconsciente. Não se trata mais de obter somente um ganho de saber, mas sim um ganho operacional. É uma aposta política que concerne o mais íntimo da relação com o saber para cada um, de sua relação com o real como impossível de suportar.

Essa aposta pode evocar, para os franceses, uma fábula de La Fontaine, *O carvalho e o junco*¹, que aprendemos nos primeiros anos de escola. Essa fábula conta o combate contra o vento. Temos o carvalho, símbolo do orgulho triunfante, e da compaixão dos grandes frente aos pequenos, aqui: a ciência. E há o junco: o cartel. A fraqueza do junco é apenas aparente, pois sua força lhe vem da flexibilidade que lhe confere habilidade frente ao vento e à tempestade, digamos, frente ao real. Quem vai resistir melhor à tempestade? Essa fábula escrita no século XVII termina com a vitória do junco. O carvalho acabará desenraizado, enquanto que o junco, que se dobra a todos os ventos, não se quebra e resiste.

Tradução: *Elza Marques Lisboa de Freitas*

¹ Apresentada no final desta edição

Textos de Orientação

Jornadas da Escola Freudiana de Paris -12 e 13 de abril 1975

Jornadas de Estudo sobre os Cartéis, com intervenções de Jacques Lacan¹.

Sessão de Encerramento²

Essa sessão, a última das Jornadas, foi aberta por Solange Falade que a anuncia como sendo o momento de concluir. Em sua pequena introdução, faz referência ao fato de que nelas se estudou o funcionamento dos cartéis, ainda raros nessa época, segundo ela. Ressalta que a estrutura proposta por Lacan para o cartel permite que se evite dois rochedos - o do totalitarismo assim como o do liberalismo. E imediatamente pede ao Dr. Lacan que trabalhe um ponto ainda obscuro, qual seja: que explique o *mais-um*, essa mais uma pessoa, e sua função para os cartéis.

Já no início da resposta, frente ao significante mais-um, Lacan faz uma abordagem a partir da matemática. Cita Bertrand Russell, tomando a liberdade de modificar um enunciado do mesmo, dizendo então: "eles sabem muito bem de quem falam". Russel dissera: "eles não sabem do que falam". Supor a esse *quem* um nome, fazendo apelo à

matemática, seria dar à matemática o valor de uma pessoa. É possível sustentar-se que uma pessoa possa ser essencialmente o que é substância para um pensamento, substância pensante. Daí que mais-um é substância pensante. Função.

Fala da importância particular que o cartel tem para ele, para o funcionamento da Escola. Deseja que sua prática ganhe estabilidade na Escola. E que trabalhará um número e um a mais. O mais-um. Parte diretamente de três, como articulação mínima de sustentação. Nesse pequeno grupo cada um tem um nome. Para a religião cristã - Pai, Filho e Espírito Santo. Esse nó de três representado graficamente é a Santíssima Trindade. Se representado pelo nó borromeano tem em sua constituição um turbilhão, buraco onde esse movimento de turbilhão se dá. Mais-Um? Um furo triplo que se refere a algo triplo. Para o simbólico, com certeza há algo que faz furo. Para o imaginário, Lacan recorre aos orifícios do corpo sobre o qual o simbólico incide enquanto linguagem e ligado a diversos furos. Quanto ao real, Lacan o faz funcionar definindo-o como universo, marcando-o como cíclico, circular. O Um aqui introduzido é a noção de universo, mundo. Lacan afirma que ousa, pela primeira vez, dizer que não tem certeza de que o real faça todo. A ideia de ciência não se suporta sem a ideia de todo. Só que para nós analistas é suficiente a consistência. Dois círculos e uma reta para o infinito e temos um nó borromeano que se sustenta. Para o físico, a energia é constante. Transformar constância em consistência cabe a eles.

Para nós existem os nomes. Lacan afirma: eu nomeei a Coisa, a Coisa Freudiana. Freud nomeou uma coisa que não existia: o inconsciente, e ele passou a existir. A Coisa Freudiana é sustentada por esse furo. Esse furo é identificado à topologia.

Desse ponto em diante, Lacan segue em longa dissertação, sobre o Simbólico, Real e o Imaginário, que merece ser lida por extenso, mas sem dúvida, da leitura acima, que dá fundamentação lógica ao mais-um, pode-se deduzir: a presença do mais-um num cartel, (sendo uma pessoa e, portanto, substância pensante), de no mínimo 4 e no máximo 6, é preconizada por ele como o que faz furo e garante o turbilhão. O terceiro garantiria a amarração, o não deslizamento infinito. Mas o quarto, o furo que há entre os três, garantiria o turbilhão.

Vê-se nitidamente, ao terminar a leitura, que Lacan estava no meio de uma elaboração sobre o assunto.

Elza Marques Lisboa de Freitas

¹ Journées de l'Ecole Freudienne de Paris des 12 et 13 avril 1975. Transcription des Journées d'étude sur les cartels, avec les interventions de Jacques Lacan. Publié à l'origine dans Lettres de l'Ecole freudienne de Paris, 18, 1976. Disponível em:

<http://www.causefreudienne.net/etudier/cartels/journees-de-l-ecole-freudienne-a-paris>.

² As notas de Elza Marques Lisboa de Freitas aqui apresentadas referem-se ao item IV - Séance du cloture (p. 34-41 do texto existente no site da ECF).

4+1 = EBP em cartéis

O nascimento de um cartel

Cassandra Dias Farias

Há cerca de dois anos, tenho acompanhado e zelado pelo trabalho de cartéis na Delegação Paraíba da EBP e assistido ao nascimento de alguns deles. Gostaria de refletir sobre o que essa experiência tem me ensinado e tirar consequências sobre as vicissitudes que o cartel encontra no seu processo de constituição.

A Paraíba tem vivido um momento fértil no que diz respeito aos cartéis. Sobretudo no ano de 2011, tivemos a constituição de 05 cartéis, o que para nossa comunidade, é um bom número. A demanda de pessoas transferidas à Escola tem se apresentado a partir

do interesse por um tema específico, que passa a circular na coluna “Procura-se cartel”. Composições as mais diversas têm sido feitas, a partir desse encontro contingente. Sabemos que o cartel é um dispositivo, órgão de base da Escola de Lacan, que fez desse sua aposta. “Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. MAIS UM encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um”¹.

Mas, por que Lacan estabeleceu o funcionamento desse pequeno grupo chamado cartel a partir de um dispositivo? Segundo definição do *Aurélio*, dispositivo significa “mecanismo ou conjunto de meios dispostos para certo fim”.

Portanto, o cartel pretende acionar um meio específico para atingir um determinado fim. Ele não existe sem algumas diretrizes fundamentais. Não é, por assim dizer, completamente solto, apesar de parecer - para aqueles que estão entrando em contato pela primeira vez. Mas como podemos entender o mecanismo em jogo no cartel e como isso pode ser transmitido?

Inicialmente, penso que se trata de uma operação de transformação do interesse pelo tema e da transferência de trabalho com a Escola, em um trabalho decidido de despojamento em relação ao saber. Ou seja, abdicar do que já se sabe, manter o ponto de ignorância e, sobretudo, tentar não atribuir ao mais-um o lugar daquele que detém o saber.

Convenhamos que não é uma tarefa fácil e muito menos, comum. Alguém perguntava muito surpreso, ao ouvir essas primeiras considerações sobre o cartel: “E qual o pagamento por todo esse trabalho?”.

Considero uma boa questão: o que se dá e o que se recebe quando esse mecanismo é acionado? A montagem de uma relação com o saber através de uma lógica que é o avesso do discurso da Ciência e do Capitalismo é algo que precisa de tempo e de algumas condições.

Um tempo que poderíamos considerar de “entrevistas preliminares”, que pode servir para que esse mecanismo possa - no um a um - encontrar um modo de funcionamento tendo em vista esses princípios. Histericizar a relação com o saber parece-me apropriado para pensar o momento de constituição de um cartel. Acionar o discurso histérico sem, no entanto, consistir o Mestre.

Por vezes, é comum que se encontre alguma dificuldade na implantação do dispositivo a partir das formações grupais que resistem a essa lógica, agregando-se em torno do mais-um e consistindo ainda mais o grupo e não um cartel.

Por isso, sou levada a pensar no compromisso assumido pelo mais-um que mais do que um cartelizante instigado por determinada questão epistêmica ou clínica, também está disposto a intervir, assegurando o funcionamento do dispositivo. Como nos recomenda Lacan, alguém que se encarregue da seleção, da discussão e do destino dessa pequena célula.

O nascimento de um cartel, portanto, é um momento privilegiado para que o desejo de saber possa inaugurar uma nova modalidade de trabalho, muitas vezes distinta de tudo que já se fez anteriormente, a exemplo de cursos e grupos de estudos.

O caminho que se apresenta para o cartel a partir da sua constituição não necessariamente é fácil. Será preciso manter esse desejo de saber em dia, acima de todas as dificuldades que se apresentam, das mais diversas ordens. Ou seja, a elaboração provocada - termo forjado por Pierre Théves - é um convite a que se realize um trabalho, ou melhor ainda, é uma provocação ao trabalho.

Na medida em que um trabalho precisa ser provocado, é porque “não há nenhuma vocação para o trabalho. Haveria muito mais vocação para a preguiça. É um tema de economistas: como provocar o trabalho em trabalhadores cuja inclinação, desde a instalação do discurso capitalista seria a de não fazer nada? Com que estímulos

materiais ou estímulos ideológicos?”². Portanto, o nascimento de um cartel engendra o despertar para um trabalho.

Só assim talvez possamos esperar que o pagamento por esse trabalho - retomando a questão que me foi feita, referida anteriormente - seja efetuado por cada cartelizante, uma vez que devolve à Escola e ao próprio discurso analítico um produto singular, fruto de uma experiência levada à radicalidade da aposta feita por Lacan.

¹ Lacan, J. Ato de fundação, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 235.

² Miller, J.-A. Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada. *Manual de cartéis*, EBP-Minas Gerais, Belo Horizonte: Ed. Scriptum, 2010, p. 18.

O sinthoma e os Nomes-do-Pai

Ana Márcia Fernandes Tucci de Carvalho

No preâmbulo a *Nomes-do-Pai*, lançado em 2005, no Brasil, Jacques-Alain Miller reúne duas intervenções de Lacan, distantes temporalmente; a primeira “O simbólico, o imaginário e o real”, datada de 8 de julho de 1953; a segunda, de 20 de novembro de 1963, consiste da primeira (e única) lição do Seminário sobre os Nomes-do-Pai, que marca historicamente a perda da função didata de Lacan e o início posterior dos Seminários, com *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Explicando o porquê desta possibilidade de junção, Miller termina afirmando que tal acoplagem nada mais retrataria do que “dar peso à indicação de Lacan em seu último ensino, meio-espirituosismo, meio-sentença, bem à sua maneira de meio-dizer, segundo a qual o simbólico, o imaginário e o real, eis os verdadeiros Nomes-do-Pai”¹.

Essa observação de Miller induziu-me ao questionamento “Por que os verdadeiros Nomes-do-Pai são Real, Imaginário e Simbólico?” e, como perceber isto em *O Seminário: o sinthoma, Livro 23?*

Este texto é a produção desta busca, ainda que parcial, pois não findada. Há um longo caminho percorrido por Lacan desde o texto de 1953, no qual situa “os registros essenciais da realidade humana e que se chamam simbólico, imaginário e real”² até a afirmação: “Digo que é preciso supor tetrádico o que faz o laço borromeano -perversão quer dizer apenas versão em direção ao pai-, em suma, o pai é um sintoma, ou um sinthoma, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real implica ou supõe a ex-sistência do sintoma”³. Aqui, o nó borromeano pode ser desfeito, e novamente enlaçado com uma quarta rodela, o sinthoma. Lacan propõe ainda que, de alguma forma, as rodelaas podem se permutar, pelo menos aos pares, isto é, fazendo a identificação de 1 com Imaginário I, 2 com o Real R, 3 com o Sinthoma Σ e 4 com o Simbólico S, há uma permutação possível nestas posições, feitas pelo pares 1 a 2, que pode ser invertido a 2 a 1 e 3 a 4, que pode ser invertido a 4 a 3, conduzindo a que o sintoma e o símbolo terminem presos, impresados entre real e imaginário. Assim, Lacan continua apontando que o complexo de Édipo é, desta forma, um sintoma, uma vez que o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome, que tudo se sustenta, não exaurindo a necessidade do sintoma. O pai percorre a trilha da trama imaginária I, passa pela potência do falo em S e chega à surpresa do real R. Se a angústia é o real que não engana, é também como assinala Lacan, o único meio pelo qual pode falar em objeto-a, “...a angústia é sua única tradução subjetiva”⁴. Está ligada ao objeto *a* na medida em que dele se vale para constituir o não saber, “a eu não saber que objeto *a* sou para o desejo do Outro”⁵, o angustiante não saber do sujeito. Mas em sua única lição sobre o seminário “Os Nomes-do-Pai”, Lacan assinala que este efeito da angústia está alicerçado na constituição fundamental do sujeito, pois ser sujeito é ser falante, fundado e determinado em um efeito significante. E como tal, ligado à palavra e ao nome. “O

nome, como lhes mostrei, é uma marca já aberta à leitura - eis por que ela será lida da mesma forma em todas as línguas - impressa sobre alguma coisa que pode ser um sujeito que vai falar, mas que não falará de modo algum obrigatoriamente”⁶, ou, em 1975/1976, “..na Criação, dita divina apenas por se referir à nomeação”⁷. Do desejo ao gozo, pois o pai reclama para si, exige para si, uma parcela de gozo. E a *père-version* que articula gozo e desejo, mas também articula R,S e I, pois nas palavras de Lacan, “a perversão não é definida porque o simbólico, o imaginário e o real estão rompidos, mas, sim, porque eles já estão distintos, de modo que é preciso supor um quarto que, nessa ocasião, é o sinthoma. (...) o pai é um sintoma, ou um sinthoma, se quiserem”⁸. Então, se o Nome-do-Pai sustenta a subjetividade do sujeito em análise, seu sinthoma o mantém. O estatuto do pai muda. “O pai, como nome e como aquele que nomeia não é o mesmo, o pai é esse quarto elemento (...) sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real”⁹.

Longe de dar ao nó R.S.I. uma amarração imutável espacial e temporalmente, o sinthoma desata o nó para tomar a si o suporte da ligação.

Texto apresentado na XII Jornada de Cartéis da EBP-Delegação Paraná, 03 de dezembro de 2011.

¹ Miller, J-A. Preâmbulo. In: Lacan, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 8.

² Lacan, J. *Nomes-do-Pai*, *op. cit.* p. 12.

³ Lacan, J. *O Seminário: o sinthoma, Livro 23*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 21. Lição de 18 de novembro de 1975.

⁴ Lacan, J. *O Seminário: a angústia, Livro 10*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 113. Lição de 16 de janeiro de 1963.

⁵ *Ibid.*, p. 353.

⁶ Lacan, J. *Nomes-do-Pai*, *op. cit.* p. 74.

⁷ Lacan, J. *O Seminário: o sinthoma, op. cit.*, p. 13, Lição de 18 de novembro de 1975.

⁸ Lacan, J. *Ibid.* p. 22. Lição de 18 de novembro de 1975.

⁹ Lacan, J. Joyce, O sintoma. Conferência na Sorbonne, 16 de junho de 1975. In: *O Seminário: o sinthoma, op. cit.* p. 163.

Jornadas

Jornadas de Cartéis da EBP-São Paulo

O mal-entendido entre os sexos

Convidado

Marcelo Veras

AME, Membro da EBP e da Associação Mundial de Psicanálise

16 de junho de 2012

Hotel Transamérica Flat 21st Century
Alameda Lorena, 473 - Jardins - São Paulo

informações: ebpsp@uol.org.br

Notícias das Jornadas

**XII Jornada de Cartéis da EBP-Delegação Paraná
03 de dezembro de 2011**

No dia 3 de dezembro de 2011, a Delegação Paraná realizou sua XII Jornada de Cartéis. No decorrer dos trabalhos Cesar Skaf, enquanto coordenador da Delegação Paraná, fez um pedido a cada cartelizante: que cada um isolasse uma frase, um ponto de conclusão, uma extração pontual do trabalho que produzira.

Marcia Stival Onyszkiewicz e Valéria Beatriz Araujo apresentaram elaborações de um cartel sobre o *Seminário Livro XX: Mais, ainda* de Jacques Lacan.

Marcia Stival Onyszkiewicz apresentou o trabalho "*Uma partitura, com pausas e notas*" e dele nos diz: "Com elaborações e um fragmento clínico, coloquei em pauta a intervenção da analista diante do gozo fálico de um sujeito, num período que antecede a entrada em análise. As consequências do ato analítico levaram a considerar que o abalo do gozo fálico adveio de uma intervenção com sentido, que resguardava algo de opaco, em função de apontar o desejo da analista. Chego a destacar que, como afirma Lacan ao falar sobre o que interrompe o deslizamento do sentido, "tudo reside no detalhe". Então, estaríamos diante de uma clínica do detalhe?"

Já Valéria Beatriz Araújo produziu o trabalho "*Alice além do espelho*" onde apresentou um caso de um sujeito feminino às voltas com sua modalidade de gozo. A vinheta clínica que mobilizou as discussões na Jornada, conforme isolou a cartelizante, dizia respeito a uma precisão do sujeito em questão, sobre um momento que vivera "[...] este momento deixou estar uma cena, marcada como uma forte lembrança em Alice: sua própria imagem no espelho, logo após o ato amoroso, onde via 'uma linda mulher, linda como nunca'".

Silvana Faria, Sergio Arruda e Ana Márcia Tucci de Carvalho apresentaram elaborações sobre um cartel em torno do *Seminário Livro XXIII: O sinthoma* de Jacques Lacan.

Silvana Faria apresentou em seu trabalho "*As representações do sintoma*" articulações entre o sintoma e o sinthoma. De seu trabalho, ela isola a seguinte afirmação sobre o levantamento do recalque produzido pela análise: "O sim que toma o sujeito quer que ele seja, enfim, alguém vivo e atuante".

Sergio Arruda apresentou "*Reação a Lacan*" onde trabalhou em uma interface entre a psicanálise de orientação lacaniana e a educação, tocando em seu texto a questão do desejo daquele que ensina. É assim que ele cita esta frase do seu trabalho de cartel: "Cada um reage a Lacan de um jeito. Meu jeito de reagir consiste em brincar com suas frases, deslocando-as para o contexto da educação e vendo-as operar novos sentidos nesse espaço."

Ana Márcia Tucci de Carvalho em "*O sinthoma e os Nomes-do-Pai*" deteve-se em uma afirmação de Miller de que os verdadeiros Nomes-do-Pai são real, simbólico e imaginário. Nesse sentido ela isolou a seguinte frase de seu trabalho apresentado na Jornada: "Se o Nome-do-Pai sustenta a subjetividade do sujeito em análise, seu sinthoma o mantém. Longe de dar ao nó R.S.I. uma amarração imutável espacial e temporalmente, o sinthoma desata o nó para tomar a si o suporte da ligação."

Suely Kosiak Poitevin, Maria Otilia Holz e Renata Silva de Paula Soares apresentaram seus trabalhos em outra mesa na Jornada. Elas integram um cartel sobre a família na contemporaneidade. Este cartel tem a especificidade de sustentar um espaço mensal de transmissão na Delegação Paraná, onde sob a forma de um atelier o cartel sistematiza suas formalizações.

Suely Kosiak Poitevin apresentou o trabalho "*As instituições de abrigamento poderão fazer suplência nos sujeitos em situação de risco na família?*". Ela resumiu assim suas formulações: "A questão que inicialmente deu origem ao percurso do trabalho de cartel permitiu concluir, neste momento, que as instituições de acolhimento podem fazer suplência das funções parentais nos sujeitos em situação de risco na família. Neste contexto, porém, independentemente do tipo de instituição, familiar ou abrigo, o que não pode deixar de existir é o olhar sobre a criança. Um olhar de alguém que verdadeiramente queira declarar seu desejo de cuidar e amar aquele que escolheu."

Maria Otília Holz apresentou “*E assim caminha a humanidade*” no qual ponderou sobre o quê afinal mudou na instituição familiar e o que ela repete. De seu trabalho ela isolou o seguinte: “... e assim caminha a humanidade com suas transformações das quais decorrem mudanças sejam nas relações humanas, no surgimento de novos valores, novos sintomas, novas configurações familiares que não deixam de ser descobertas e criações como defesas que propiciam as mais variadas formas de gozo.”

Renata Silva de Paula Soares ponderou assim sobre sua produção: O texto “*Novas formas de família: o que há (de) novo?*” teve como introdução um breve percurso sobre as mudanças ocorridas na estrutura da família. Através de um caso clínico, articulou sobre a função de resíduo e seu apontamento para a dimensão sexual e o impossível da relação complementar. Abordando a questão do gozo, que se transmite como ponto de opacidade na relação sexuada que deu origem à criança. Encerrou com a importância de estarmos advertidos que as novas formas de família podem deixar as crianças imersas em uma “inquietante indeterminação” e, também, que precisamos acompanhar como as crianças receberão e se haverão com os novos mitos que lhes serão transmitidos.”

A XII Jornada de Cartéis foi muito comentada na Delegação Paraná, deixando ressonâncias tanto pelo entusiasmo de seus participantes como pela qualidade dos textos apresentados.

Cesar Skaf
Coordenador da EBP-Delegação Paraná

O carvalho e o junco

"Você tem bons motivos para reclamar da natureza.
Até um passarinho é um fardo pesado para você".

"Um ventinho à toa que faça
A superfície da água enrugar,
Obriga você a cabeça baixar.
Por outro lado, minha frente,
Não contente em segurar os raios do sol,
Enfrenta bravamente a tempestade.
Para você tudo é vento violento,
Para mim, brisa suave.
Se você nascesse abrigado pela folhagem
Com que eu cubro a vizinhança,
Não iria sofrer tanto: Eu defenderia você da chuva".

"Mas vocês costumam nascer
Nas bordas úmidas do reino do vento.
A natureza, apesar de tudo,
Com você parece injusta".

- "Sua compaixão", respondeu o arbusto,
"É sincera, eu sei, mas não se inquiete:
Para mim, os ventos não são tão terríveis:
Eu me curvo e não me quebro.
Você tem esse corpo grande
E resiste sem entortar,
Mas espera o fim chegar."

Enquanto diziam essas palavras,
Lá no horizonte furiosamente surgiu
A mais terrível das tempestades
Que os ventos do norte podiam trazer.
A árvore tentou resistir, o junco se curvou.
O vento redobrou seus esforços.

E tanto fez que destruiu
Aquele que tinha o céu como vizinho de cima
E as raízes no andar de baixo.

“O carvalho e o junco”. Fábula de Jean de La Fontaine, 1621-1695. In: *As Mais Belas Fábulas de La Fontaine*, Ilustrações de Gauthier Dosimont. São Paulo: Impala, 1998, pp. 16-21. Impresso na Itália.

Dobradiça - Boletim Eletrônico dos Cartéis da EBP. Ano I. Número 01. Agosto de 2011

Comissão Editorial: Ondina Machado (Diretora Secretária da EBP), Cristiana Pittella de Mattos, Elza Freitas, Heloisa Prado R. S. Telles (Coordenação), Marcia Zucchi, Paola Salinas.

4+1=EBP em cartéis: Responsabilidade das Diretorias de Intercâmbio e Cartéis das Seções e Coordenadores das Delegações. Neste número, contamos com a colaboração da EBP-Delegação Paraná e EBP-Delegação Paraíba.

Giro do cartel na AMP: texto traduzido por Elza Marques de Freitas Lisboa

Imagem: *Um Cartel*, Gisèle Gonin, óleo sobre tela, 0,70 m x 1.40 m, 2011

Contato Comissão Editorial: helotelles@uol.com.br